

Sinopse:

Histórias armazenadas no baú do inconsciente infantil. Páginas em branco à espera do folclórico traço do autor. Desaparecimentos espetaculares. Retornos fantasmagóricos.

A confluência do imaginário com a realidade.

Qual o ponto em que a ficção toca a realidade?

Será a ficção um conto fictício, ou realidades ditadas pela narrativa ficcional?

A literatura talvez não seja literal – mas litoral – fronteira de fantasias – a verdade do escritor.

Neste livro de contos, Alex Azevedo Dias escreveu estórias surpreendentes que levam o leitor a enigmas com inúmeras possibilidades.

A inquietude fascinante da dúvida, contrapondo-se ao amortecimento das soluções.

Seus contos fazem pensar, refletir, rir e chorar. Um fôlego suspenso até a última linha. Personagens que vivem as situações-limite entre falsas realidades e fantasias reais.

Contando Estórias

Escrevendo nas Travessias do Inconsciente

por

Alex Azevedo Dias

Alex Azevedo Dias

Contando Estórias

Escrevendo nas Travessias do Inconsciente

1ª. edição

Niterói – RJ

Edição do Autor

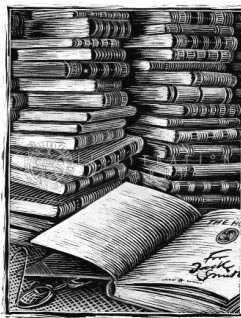
2011

Sumário

<u>09</u>	<u>O Montinho de Livros</u>
<u>19</u>	<u>Morte na Folia</u>
<u>33</u>	<u>Cléo</u>
<u>39</u>	<u>A Amante</u>
<u>47</u>	<u>Katie</u>
<u>57</u>	<u>O Baú Sonhador</u>
<u>69</u>	<u>Pedro Bege</u>
<u>77</u>	<u>Transamazônia</u>
<u>86</u>	<u>A Ressurreição</u>
<u>99</u>	<u>Sexo</u>
<u>103</u>	<u>A Máscara da Verdade</u>
<u>109</u>	<u>Romance em Tempos Perdidos</u>
<u>117</u>	<u>Elias Feijão</u>
<u>123</u>	<u>Jurandir, O Químico</u>

<u>131</u>	<u>Túlio e o Terreiro</u>
<u>139</u>	<u>Eu Te Amo</u>
<u>149</u>	<u>Plácido, A Rainha</u>
<u>155</u>	<u>Cafés com Leite</u>
<u>163</u>	<u>Diálogos?</u>
<u>167</u>	<u>Sapatando</u>
<u>173</u>	<u>O Besouro de Praia</u>
<u>177</u>	<u>O Chamado</u>
<u>181</u>	<u>À Janela</u>
<u>187</u>	<u>À Mesa do Café</u>
<u>193</u>	<u>Pedrazul</u>
<u>199</u>	<u>Santo Pai, Santa Bala</u>
<u>203</u>	<u>Marta, Mulher</u>
<u>205</u>	<u>No Escorrer dos Afetos</u>
<u>211</u>	<u>O Amor do Ódio</u>
<u>221</u>	<u>Quando o Sonho Vive</u>
<u>229</u>	<u>A Análise de Lena</u>
<u>237</u>	<u>Dedos e Anéis</u>

<u>245</u>	<u>Toque-me!</u>
<u>251</u>	<u>Ser Sem Rosto</u>
<u>257</u>	<u>Lágrimas e Suores</u>
<u>263</u>	<u>O Vulto</u>
<u>269</u>	<u>Estilhaços de Alma</u>
<u>275</u>	<u>Os Temperos de Dolores</u>
<u>281</u>	<u>Duas Almas</u>
<u>288</u>	<u>Estranhas Criaturas</u>
<u>295</u>	<u>O Misterioso Homem do Café</u>
<u>301</u>	<u>Serenidade</u>
<u>310</u>	<u>Na Sacada</u>
<u>317</u>	<u>Adèle e Ismael</u>
<u>321</u>	<u>Reinado das Cores num Reino sem Cor</u>



O Montinho de Livros

Alex Azevedo Dias

Em meio àquelas incontáveis estantes da histórica biblioteca do vilarejo, pouco visitada pela escassa população de seus arredores, havia uma série de livros envelhecidos empilhada no piso frio. Eles ficavam lá porque seus títulos e aparências não se encaixavam nos dignos catálogos que garantiriam um lugar privativo em uma das reverentes prateleiras. Enfileirados, rabugentos, os livros que foram catalogados pela precisão cirúrgica da bibliotecária, únicos existentes, expunham a tez soturna dos distintos senhores que observam por cima dos óculos dando suas nobres atenções como esmola aos iletrados.

Todas as manhãs, tardes e noites, durante um período considerável de sua meninice, um jovem lia sentado à mesa ao lado da pilha de livros rejeitados. Escolheu aquele exato lugar, pois o peculiar montinho de livros exercia sobre ele um verdadeiro fascínio. Parecia que ao invés de possuí-los com o olhar, eram eles que o

vigiavam, seguindo minuciosamente seus movimentos enquanto lia. Aquela sensação de ser visto, acompanhada por fixos e penetrantes olhinhos de capas duras, invadia-o tenazmente.

Silenciosas presenças ali se remexiam, anunciando que o jovem leitor não estava só. Uma desagradável comichão subia-lhe pela espinha nas linhas e frases que mais requeriam sua atenção. Justamente nos momentos de maior suspense do romance era obrigado a interromper a leitura, pois um certo peteleco atingia-lhe a orelha. Mesmo com tantas esquisitices, uma atraente e irreconhecível força o mantinha colado àquela cadeira de estudos.

Desde a primeira vez que chegou àquela biblioteca, vindo de uma região vizinha desprovida de livros, ficou perplexo diante de tão deslumbrante cenário aberto aos seus olhos. Monumentais acervos, vastíssimas coleções, grande quantidade de exemplares disponíveis. Aquilo tudo era tão inacreditável que a realidade se tornara fugidia, irrequieta, teimando em escorregar até se esconder em passos macios. Para manter os pés no chão, pediria a um colega que o beliscasse, numa tentativa frustrada de confirmar a existência das coisas, pois não havia outra mão que fizesse tal serviço doloroso.

O salão principal no qual os autores de relevo e as pioneiras encadernações se dispunham em paralelas sincronias matemáticas, com impecável iluminação e ornamentação artística, ainda assim não foi capaz de oferecer acomodação satisfatória ao ilustre visitante ávido por leituras. Ele se deteve por alguns instantes no convidativo

salão, esfregou a vista por causa da imensa claridade, passou os olhos pelas estantes abarrotadas de edições luxuosas, mas não sentiu vontade de tocá-las, pois não foi também tocado por elas.

Continuou sua caminhada pelos diversos recintos da biblioteca, mas após retornar ao salão principal, pôde avistar uma pequenina porta ao fundo. Chegando mais perto daquela enigmática moldura, o jovem notou a existência de minúsculos entalhes na madeira, sutis trabalhos de xilogravura noticiando a inspiração de cuidadosos e ágeis artesões que lá depositaram suas elegantes fantasias.

Ao girar a maçaneta, avalanches e redemoinhos metafísicos invadiram seus arquivos mentais, explorando nostalgias guardadas a sete chaves. O jovem leitor foi coberto até a alma por finas camadas intercaladas de seda e de cetim, transmitindo a suavidade de jardins floridos. Uma alegria feroz e diáfana, voraz e lírica, percorreu-o até as pontas dos dedos. Foi conduzido vagarosamente por formas vibráteis e miríades de texturas envolventes e sedutoras. Uma leve fumaça vendou-lhe os olhos, levantou-lhe o cético corpo e, flutuando, adormecido, deslizou até a mesa de estudos ao lado dos poeirentos e esquecidos livros empilhados no chão.

Quando despertou, o jovem surpreendeu-se por estar bem acomodado a uma simples e envelhecida mesinha de leituras. Diferente do aristocrático ambiente do salão central, no qual as disposições das estantes, a galeria de artes nos corredores e a não menos requintada iluminação daquele ambiente, lembravam

estúdios cinematográficos ou palácios reais, aquele recinto em que repousava à mesa, tinha um aspecto rústico, lúgubre, sombrio. A luz para a leitura se resumia apenas a um basculante na parede lateral e a um frágil abajur em cima da mesma mesinha à qual repousava.

Aquele seria o lugar ideal para ler em silêncio, com paz e tranquilidade – pensou o jovem com inegável positividade. Apesar de belíssimo, o salão principal era demasiado entediante e enfadonho. Aquele excesso de luz e de decorações milimetricamente organizadas formava uma atmosfera tão asséptica e fria, que não convidava à vivacidade e ao desejo caótico que as aventuras e desventuras literárias exigiam.

Ao contrário, a salinha em que o jovem se demorava devaneando era perfeita. Aqueles livros bolorentos e inchados de tão usados, lidos e relidos, exibiam espectros e sombras das profusões de seus personagens. Apresentavam indelévels traços, folhas soltas, rasgões, capas furadas, mancos, banguelas, mas sempre mantendo intactos os conteúdos e essências mirabolantes.

Os livros arrumados em seções assimétricas da peculiar salinha em que o jovem se encontrava, não eram escritos com tintas de canetas, penas, máquinas de datilografar ou impressões de computador. As letras saltavam aos olhos, em texturas de altos relevos, costuradas e bordadas por folclóricas agulhas de exímios alfaiates; alicerçadas por míticas espátulas de indômitos pedreiros; arrematadas e desbastadas por esgrimistas de primeira qualidade.

Compondo a exótica paisagem, o modesto e irregular montículo de livros, ao lado do inveterado leitor, mesmo de aparência grotesca, embevecia a quem já estivesse naufragado na fluidez dos afetos mais primários. Regredidas e intransferíveis afetações. Não nocivas, mas também não inofensivas. Afetos inflamados, produtores de fendas e rachaduras nos frágeis e vaidosos sentimentos daqueles que ensaiavam um contato, mesmo que de longe, com os enfermos livros abandonados pelos padrões da ordem econômica da biblioteca. Mas que pobre alma ousaria se aproximar de tais asquerosas criaturas? Emplastros danosos que nem ao menos conseguiram uma reserva nas estantes destinadas aos livros bolorentos, quase estragados, aguardando aflitos e ansiosos as infundáveis restaurações.

O jovem leitor praticamente aderido à mesa de estudos devorou quase a totalidade dos exemplares classificados nas estantes da saleta. Todavia, aquelas impronunciáveis e malditas brochuras enebadas, companhias inseparáveis do rapaz que sonhava em vigília, largadas sobre o piso frio, permaneciam intocadas. Embora o contato físico jamais tenha ocorrido, sempre redundando em absoluto fracasso as inúmeras tentativas para que o ato se consumasse, a desprezada pilha de livros exercia uma singular corrente vibratória que algemava o leitor em sugestões e influências múltiplas.

Havia uma barreira intransponível na relação livro/leitor, mantendo-a sob o regime de um enrijecido cordão de isolamento.

Aqueles livros pareciam seres sobrenaturais, uma manifestação peculiar de vida extraterrena. Era impossível para alguém enraizado em tal circunstância, aproximar-se o suficiente daqueles seres encapados, para abri-los. Invisíveis e sólidas carapaças de criaturas oníricas, de paradisíacos cenários, de habitantes abomináveis e fascinantes, compunham o múltiplo universo das letras. Os paradoxos transbordavam por entre os afinados dedos que folheavam com desenvoltura as páginas amarelecidas por tantos fôlegos reprimidos - pelos suores em suspenso.

O jovem começou a duvidar se aqueles livros alguma vez foram realmente abertos. Talvez nem livros fossem. Por que tantos mistérios e segredos circundavam aquele envelhecido montículo de livros? Poderia ser uma ilusão de ótica, uma pintura surrealista, camuflagens, mimetismos...

As referências plausíveis, preservando sua sanidade, já haviam se esgotado. Não queria se dispersar da hipnótica leitura que o consumia esfomeada, perdendo-se em deduções racionais. Um irresistível impulso o dominava. Não poderia se ausentar daquela sala nem ao menos para se dobrar sobre suas necessidades básicas. Estava consolidado à mesa, observado sem interrupção por seus adoradores livros empilhados ao lado, ali jogados, no piso frio.

No início, ainda sob um ritmo intermitente, conscientizava-se de sua condição sonâmbula. Mas as perdas de consciência nas quais se emaranhava por longos períodos, pouco a pouco ficaram

irreversíveis, e o jovem mergulhado na trama ficcional, com aspecto de crisálida, foi metamorfoseando lentamente até se tornar uma personagem fantasiosa, morrendo no mundo real e adquirindo um tipo de vida contornada por sua silenciosa e cadenciada narração.

Estampado numa das páginas de sua formidável leitura, já do outro lado de quem lê, pôde ver sua face compenetrada, semblante pesaroso, testa franzida, rugas esboçando uma melancólica fixação, nitidamente capturado pelo mundo de letras e tintas. As comichões e petelecos perseveraram incessantes e indomáveis. Seu corpo jazia imóvel e absorto no instante no qual, sem desviar, ainda concentrado na leitura, renascia como personagem desenhada pela pena de algum desatento e sonolento escritor.

O corpo continuava lá, estático, enraizado em cada parágrafo, linha e estrofe da narrativa, enquanto o jovem, tonto e enjoado, como personagem da ficção, percorria os cenários compostos por fantasias diurnas. Foi nesse contexto, regado pelos mares do absurdo, que uma gigantesca mão solitária usando luvas de pelica surpreendeu-o ao se inclinar sobre o livro, apoiando-se ruidosamente na mesinha, sem que o antigo corpo do jovem colado à cadeira sequer notasse a imensa presença daquela misteriosa mão.

Ela portava uma avantajada e rústica lupa de dimensões irregulares, com o aro torto, possivelmente vítima de uma queda. Posicionou-a em direção ao jovem, agora na pele da personagem de uma estória, exatamente na página 62, terceiro parágrafo, em que

ele apareceu pela primeira vez na ficção. Naquela precisa página, o jovem renascia na estória, originava-se.

A lupa condensou suficiente calor, projetando-o nas tintas do parágrafo inaugural. O aglomerado de letras no qual a jovem personagem estava contida começou a derreter freneticamente. Os textos escritos não mais sustentaram nenhum laço de lógica ou de razão. O livro passou apenas a apresentar páginas chamuscadas e manchadas nas quais antes estavam conectadas indeléveis semânticas.

Numa curiosa agitação, o montinho de livros esquecidos no chão, por não se classificar em nenhum gênero nas estantes da biblioteca, ergueu-se em espirais enérgicos, levitando, flutuando. Abriram as espessas couraças pestilentas, exibindo intimamente seu conteúdo. As capas uniram-se às contra capas, formando as silhuetas de arrojadas asas batendo em sincronia com seus patrícios. A ventania desfolhou-os com tanta violência que suas desnudadas páginas ficaram à mostra. Foi aí que aquele corpo apático recuperou a tenacidade e foi subitamente preenchido pela essência do jovem que retornou do livro pelo calor da lupa.

O jovem olhou admirado para as páginas despidas que se expunham à sua frente. Não havia qualquer mísera linha escrita. Estava tudo submerso na gelada cor branca. Aquela falta de imagem, de ilustração, de palavras, um extenso deserto do Nada oferecido como nauseante espetáculo aos seus lacerados olhos,

consumiu-o em profunda e relutante angústia. Um convite à reflexão. Irredutível verdade. Não mais teria forças para se alienar às letras bem acabadas de suas apaixonantes literaturas.

Os livros que não se encaixavam nos dignos catálogos da biblioteca eram apenas seus, de mais ninguém. Suas inúmeras páginas em branco representavam a sua vida. O jovem leitor, pulsando no vazio, “tabula rasa”, preenchia-as com as linhas sinuosas de sua singular vivência, de sua história livre, nos livros - Sua alma.

Morte na Folia

Alex Azevedo Dias



A penúltima agremiação já estava chegando à Dispersão. Aquela extensão do sambódromo foi construída para que todos os integrantes e ritmistas da escola se agrupassem, saudando o público. Mas era um espaço exíguo demais e não havia tempo suficiente para tal apresentação apoteótica. Alfredo, imerso num mar de plumas e paetês, fantasias, adereços e alegorias monumentais, desejava ser um anônimo na multidão. Mas em meio à radical falta de identidade dos mascarados, da massa homogênea de foliões, não se sentia seguro. Qualquer um poderia ser o seu potencial assassino.

A única certeza que latejava em sua alma, era que estava jurado de morte. Tentou se preservar, imiscuindo-se ao frêmito das massas divinizadas em exaltação foliônica. Mas quanto mais se dissolvia no anonimato dos mascarados, mais sua angústia sinalizava uma

devastadora presença. Seria alvo fácil? Será que alguém o observava? Por baixo das festivas vestimentas de qualquer um, poderia se esconder o autor do futuro crime, aquele que o aniquilaria.

(...)

Um pouco antes das primeiras manifestações carnavalescas do ano seguinte, precisamente no mês de outubro, Alfredo se encontrava na residência de um estimado amigo, há muito sumido, o Péricles. Prosearam animadamente, atualizando assuntos extintos ou esquecidos numa época remota. Péricles serviu com satisfação o amigo, oferecendo apetitosos quitutes e petiscos, brindando-o com um não menos excitante coquetel que só ele sabia fazer.

- Estou muito contente em poder revê-lo, meu amigo! – Exclamou Alfredo com lágrimas nos olhos.

- Eu que estou lisonjeado em recebê-lo no meu humilde lar.

Ao visualizar sua cinemateca particular, Alfredo afirmou:

- Vejo que você continua amante dos diretores europeus...

Péricles pegou um filme do Buñuel, retirou a contra capa que continha a sinopse e argumentou:

- Este cineasta espanhol foi o responsável por uma das mais apreciadas receitas do esplêndido drinque que estamos saboreando agora, o destilado dry martini.

- Sim... Um homem versátil... Seu paladar apurado vai além de seu refinamento magistral na Sétima Arte. Buñuel sabia apreciar este aperitivo com elegância ímpar.

- Saber degustar uma boa bebida é condição *sine qua non* para a qualidade de qualquer cineasta que se preze.

- Sempre achei que sua capacidade de crítico de cinema foi desperdiçada. Você deveria ter trilhado uma carreira mais jornalística, dando ênfase aos estudos cinematográficos. Deveria ter investido na literatura. Admiro sua declarada paixão pelo cinema!

- Sou um homem de negócios, meu caro. Não tenho tempo a perder com prazeres fúteis. Só me entrego à apreciação de boas bebidas e de bons filmes quando estou prestes a realizar projetos ambiciosos. Minha vida é clara e distintamente direcionada às especulações econômicas, ao jogo do câmbio flutuante, às milionárias aplicações nas Bolsas de Valores, aos investimentos em ações.

Visivelmente constrangido pelo modo imperativo e frio com o qual seu amigo definiu o interesse pela arte, associando-a à ganância comercial, às frivolidades mercadológicas, Alfredo tentou abordar amenidades, puxar assuntos que envolvessem mais a intimidade familiar. Alfredo não estava distraído. Percebeu logo pelas palavras do amigo, já que estavam bebendo, que naquele encontro, Péricles trataria apenas de negócios com ele.

- E sua esposa e filhos, por que não estão aqui?

- Não estou mais casado, meu caro. E filhos?! Sempre fui contra tê-los.

- Mas eu me recordo com vivacidade dos seus filhos! Como você agora me diz que não tem filhos?

- Eu não estou dizendo isso só “agora”, pois realmente nunca tive filhos.

Prevendo que aquele diálogo seria reduzido a uma absurda discussão, Alfredo resolveu temporizar e conduzir a conversa para outras plagas.

- Você tem visto alguém dos tempos de faculdade?

Embaraçado pelo silêncio de Péricles, Alfredo prosseguiu, reformulando sua pergunta:

- E a Karina e a Alessandra? Sei que você tinha certa quedinha por elas... e...

- Basta de trivialidades! Vamos direto ao assunto que lhe trouxe aqui.

Péricles estava com uma fisionomia rígida, cenho franzido, dedos crispados sobre o criado mudo.

- Mandei uma equipe de confiança para acompanhar seus passos durante todo tempo. Também andei observando-o pessoalmente. E constatei que você é o cara ideal para o serviço.

Ainda mais assustado, Alfredo indagou com relativa gagueira:

- Mas que serviço?

- Você é um sujeito honesto, trabalhador, pai de um casal de lindas filhas. Está acima de qualquer suspeita. Encaixa-se perfeitamente, como uma luva, para o perfil do homem que eu preciso contratar.

- Não estou alcançando seu raciocínio, Péricles.

- Oferecer-lhe-ei uma boa quantia. Irrecusável! Sei também que você está passando por dificuldades financeiras, que contraiu algumas dívidas com empréstimos bancários. Esta será uma grande chance! Ótima oportunidade que só um amigo como eu poderia lhe dar.

- Você está me deixando apreensivo.

- Não fique, não fique! Acredito em você! Por mais que o mundo resista em valorizar seus talentos, eu os reconheço e admiro! Você trabalhará para mim.

- Mas o que terei que fazer?

- Calma, meu velho companheiro! Primeiro farei minha proposta sobre a quantia que você receberá.

- Certo... mas... Não estou conseguindo compreendê-lo. Aonde você quer chegar?

- Você tem um saldo positivo comigo, meu caro. Mesmo com antecedência, tenho convicção que você cumprirá com êxito a missão para a qual o instruirei. Por isso, pagarei todas as suas dívidas – que não são poucas – e darei todo o conforto para você e sua família pelo resto de suas vidas. Terão uma vida à altura da realeza.

Com uma ligeira afonia, Alfredo balbuciou:

- Mas... mas... Por que eu?

- Ora, já disse! Resumindo, você é um dos meus mais confiáveis amigos!

- Já estamos afastados há anos. Nunca mais nos vimos, desde a faculdade.

- Você não me viu, meu caro. Você que não me viu. Eu o acompanhei em cada segundo de sua vida. Não deixei escapar nada. Investiguei cada detalhe. Então, confirmou-se a minha hipótese em sua eficiência e honestidade.

- Ok. O que você quer que eu faça?

- Bem... Tem um empresário grego, o Sr. Karagounis, proprietário de uma grande rede de lojas de departamento, que está atravessando meus negócios. Preciso absorver sua firma para assumir a liderança empresarial de suas filiais, preservando a matriz.

- Entendo... Mas o que quer que eu faça? Não tenho nenhuma formação empresarial. Não sei nada desse mundo dos negócios.

- Mas você sabe segurar um revólver. Sabe apertar um gatilho. Sabe matar! Quero que o mate, meu caro.

- Ahm... Nãoo... Nãoo posso...

- Pode, pode! – Disse calmamente Péricles.

Péricles estendeu a mão com algo embrulhado num pano preto.

- Tome... Ensiná-lo-ei a manuseá-la.

Tremendo, Alfredo desembrulhou o revólver. Sua vista ficou turva e mal via o rosto do amigo. Enquanto Péricles dava as instruções para utilizar o revólver, Alfredo só pensava em sua família, em suas alegrias, mas também em suas tristezas, e titubeava, oscilando suas emoções. Logo em seguida, Péricles começou a instruí-lo sobre algumas técnicas e artimanhas para o amigo entrar na mansão do Karagounis. Explicou o funcionamento do sistema de alarme, informou sobre seus horários e a exata maneira de limpar todas as evidências do crime, para não deixar pistas para a polícia.

Alfredo ouviu atentamente as instruções do amigo. Em diversos instantes sofreu princípios de desmaio, mas resistiu com rara firmeza para não alarmar a confiança que Péricles depositou em seus ombros. Suas pernas tremiam como vara verde. Mas se manteve bravamente aprumado. No final do treinamento verbal que recebeu

do amigo, apertaram as mãos e Alfredo se retirou da casa de Péricles.

Ao chegar à varanda de sua casa, permaneceu por longos minutos contemplando a arquitetura de um antigo sonho concretizado. Já era noite, quando resolveu entrar. Todos já dormiam. Foi ao quarto das filhas, que ainda eram pequenas, a mais nova de 6 anos e a mais velha de 8 anos, beijou-as delicadamente na testa para não acordá-las e saiu.

Logo depois caminhou para o seu quarto, encontrando a sua bela esposa entregue a um gostoso sono. Sentiu leve amargura, um medo de perdê-la. Hesitou em realizar a operação para a qual fora instruído. Sua esposa era tão linda... Mas logo retomou sua obstinação quando se recordou das vantagens que daria à família se fosse bem sucedido em sua empreitada.

A esposa, notando sua presença a observando ao pé da cama, abriu um pouco os olhos, e carinhosamente o chamou para se deitar. Alfredo respondeu com delicadeza e se acomodou ao seu lado. Mas durante toda a noite, não relaxou um só segundo.

(...)

No mês de fevereiro, conforme o combinado, Alfredo estava preparado para impetrar o crime. Certificou-se da ausência dos seguranças. Desarmou os sensores de calor e desativou os alarmes. Estava dentro da mansão do Sr. Karagounis. Uma onda de

adrenalina percorreu sua espinha. Nunca matara nem uma mosca. Sempre fora um homem honesto e respeitado, porém desvalorizado pelos seus patrões, sempre lhe usurpando suas merecidas promoções e gratificações.

Já não mais estava paralisado pelo medo. Agora obedecia a um impulso agressivo, homicida que talvez sempre estivesse habitando seu íntimo, mas que jamais acordara como naquele exato instante. Seus olhos estavam vermelhos como duas bolas incandescentes. Seu rosto, inexpressivo, pela concentração sanguínea, exibia uma plácida fúria.

Não necessitou nem fazer uma recapitulação de sua incumbência, parecia que tinha nascido para aquela circunstância. Ansiava ouvir o grito de dor, últimos suspiros de um corpo agonizante, baleado num crime perfeito. Mas se lembrou do seu treinamento, e a morte seria praticamente indolor. Lamentou essa parte das instruções. Adaptou o silenciador em sua pistola e finalmente alcançou o quarto no qual Karagounis repousava.

Quando abriu a porta, constatando a volumosa presença do grego deitado em sua cama, após apontar o revólver para a nuca de sua vítima, sentiu uma pancada lancinante no alto de sua cabeça, parecia um porrete de madeira maciça. Urrou de dor e imediatamente desabou no chão daquele quarto, deixando respingar algumas gotas de sangue, manchando o valioso carpete.

(...)

Alfredo acordou, com uma penetrante dor de cabeça, ainda desorientado, encostado num poste em plena Avenida Getúlio Vargas, no centro do Rio de Janeiro. Era tarde da noite. A Avenida estava interditada, parecia que havia alguns festejos mais adiante. Quando ele se levantou, cambaleando, com muita dificuldade, recebeu um telefonema. Um homem com uma voz metalizada, que não quis se identificar, dizia que estava sob a mira de um matador de aluguel, um assassino profissional que não perdia nenhum de seus movimentos. Estava jurado de morte. A única forma de sobreviver, era se encontrar com uma pessoa usando uma máscara veneziana do libertino Giacomo Casanova, durante os desfiles das Escolas de Samba, na Dispersão da penúltima agremiação daquela noite. Logo após a última orientação, a ligação foi cortada.

Apavorado, seguiu em direção ao sambódromo. Estava ainda no início da Presidente Vargas, por isso demorou muito até visualizar a intensa iluminação, o aglomerado de pessoas entulhadas na passarela do samba e nas arquibancadas. Levou tempo também para ouvir a batucada estridente dos desfiles, propagada pelos amplificadores de som que ficavam espalhados na Avenida Marquês de Sapucaí, transversal à Presidente Vargas.

A princípio, ao se misturar na multidão de mascarados, vestindo uma fantasia que estava abandonada no canto da calçada, sentiu-se seguro. Foi prontamente integrado à homogênea massa. Estava

protegido pelo total anonimato. Deixou transparecer até uma pontinha de satisfação, contagiado pela cadência do samba e pela alegria transmitida pelos foliões.

Mas quando novamente se deu conta da trágica situação em que estava envolvido até o pescoço, redobrou-se em um estado de generalizada paranóia. Quando a penúltima escola já cruzava a Dispersão na Apoteose, teve uma taquicardia, intensificando ainda mais seu estado paranóico, desconfiando de todos aqueles que pulavam aparentemente felizes ao seu redor. Poderia ser qualquer um. Eram todos idênticos. Não tinha a menor condição de discernir um potencial assassino.

De repente, lembrou as orientações da sinistra voz. Precisava encontrar, naquele justo momento, a tal pessoa usando a fantasia da personalidade dissoluta do Casanova. Mas como distingui-la no meio de uma quantidade infinita de mascarados? Logo que fez essa consideração, avistou o Casanova. Um sujeito enorme, esguio, imóvel, parado à sua frente. Pensou em recuar. Mas continuou se aproximando da figura medonha. Ao tocá-lo, perdeu novamente os sentidos.

(...)

Eram 2 horas da tarde de uma terça-feira gorda. Alfredo tinha sido convidado para um baile carnavalesco na casa de um amigo seu que há muito tempo não via, o Péricles. Estava se arrumando quando recebeu um telefonema avisando que a festa foi cancelada.

Quis saber o motivo. A voz do outro lado da linha deu a notícia da morte de Péricles. A causa do óbito foi um infarto fulminante.

Alfredo estava ainda de ressaca pela noite anterior regada de muita bebedeira em um clube tradicional na Lapa. Sacudiu a cabeça, na tentativa de afugentar estranha sensação. Ainda reverberava uma nítida memória que esteve na casa do Péricles alguns meses antes. Mas como? Eles não se viam há muitos anos, desde a faculdade. Aquela notícia de sua morte deixou-o ainda mais intrigado e confuso. Reclinou-se em seu sofá com um saco de gelo pressionado em sua testa.

Alfredo estava sozinho como sempre estivera. Invejava os homens que optaram pelo casamento, por terem esposa e filhos. Mas ele sempre esteve envolvido com negócios. Gerenciava uma lucrativa empresa. Nunca teve tempo para os afetos familiares, por isso, jamais se vinculou à qualquer mulher por mais de uma noite. Péricles era um desses homens, objeto de sua inveja. Ele era casado com uma bela mulher e tinha duas filhinhas. Como sua família vai se sustentar em sua ausência, sem o seu amor?

Continuou por longas horas, pensativo, em seu sofá, até adormecer. Sonhou que havia reencontrado o amigo Péricles. Ele estava satisfeito com a sua visita. Péricles ainda demonstrava profunda gratidão pela mulher que Alfredo lhe apresentou ainda na época da faculdade. Ele imediatamente previu que aquela seria a mãe de seus filhos. Meses depois, casaram-se. Péricles havia

convidado o amigo Alfredo, que era o padrinho de seu casamento, para celebrarem juntos, suas tão esperadas Bodas de Prata.

